

Interseções entre gênero, raça, turismo e exploração sexual no Caribe: o caso de Antigua

Livia Maria Bastos Vivas

Universidade do Minho, Portugal

Resumo

Após muitos anos de independência política, a ilha caribenha de Antigua ainda sofre a influência e dominação das nações hegemônicas nos aspectos político, econômico e cultural, situação que causa um tipo de colonização que pode ser descrito como ainda mais corrosivo para a sociedade caribenha do que a escravidão. O turismo é a principal atividade econômica em Antigua e os Estados Unidos é o principal colaborador. Esse artigo discutirá a natureza colonial do *trade* turístico de Antigua, fazendo referência à teoria pós-colonial, ao papel especial dos Estados Unidos nesse processo e ao impacto causado pela exploração sexual na vida das mulheres, em sua maioria negras, desprovidas de direito. O caso de Antigua, como exposto na biografia *A Small Place*, de Jamaica Kincaid, será utilizado como exemplo. Através da sua narrativa, Kincaid, nativa de Antigua, faz críticas ao colonialismo (especialmente sob a forma moderna de turismo), racismo, corrupção no governo e corporações locais, e as consequências sociais causadas por esses elementos.

Palavras-chave: colonização, pós-colonialismo, turismo, Caribe, Antigua, Estados Unidos, exploração sexual feminina

Resumen

Después de muchos años de independencia política, la isla caribenha de Antigua aún sufre la influencia y la dominación de

* Artigo recebido em março de 2011 e aprovado para publicação em maio de 2011.

las naciones hegemónicas en los aspectos político, económico y cultural, situación que causa un tipo de colonización que puede ser descrito como más corrosivo para la sociedad caribeña que la esclavitud. El turismo es la principal actividad económica en Antigua y Estados Unidos es el principal colaborador. Este artículo discutirá la naturaleza colonial do *trade* turístico de Antigua, haciendo referencia a la teoría postcolonial, al papel especial de Estados Unidos en ese proceso y al impacto causado por la explotación sexual en la vida de las mujeres, en su mayoría negras, desprovistas de derechos. El caso de Antigua, como expuesto en la biografía *A Small Place*, de Jamaica Kincaid, se ha utilizado como ejemplo. A través da su narrativa, Kincaid, nativa de Antigua, hace críticas al colonialismo (especialmente bajo la forma moderna del turismo), racismo, corrupción en el gobierno y las corporaciones locales, y las consecuencias sociales causadas por esos elementos.

Palavras claves: colonización, postcolonialismo, turismo, Caribe, Antigua, Estados Unidos, exploração sexual femenina

Abstract

After many years of political independence, the Caribbean island of Antigua still suffers from the influence and domination of the hegemonic nations in political, economic and cultural aspects, a situation that begets a kind of colonization that could be described as even more corrosive to Caribbean society than slavery. Tourism is the main economic activity in Antigua, the Unites States of America being the main contributor. This article will discuss the colonial nature of the Antiguan tourist trade, with reference to postcolonial theory, the special role of the USA and the impact caused by sexual exploitation in womens lives, mostly black, deprived of rights. The case of Antigua as expounded in Jamaica Kincaid's memoir *A Small Place* will be used for this discussion. Through her narrative, Kincaid, native of Antigua, Jamaica Kincaid's memoir *A Small Place* will be used for this discussion. Through Kincaid's narrative, this native of Antigua critiques colonialism (especially in the modern form of tourism), racism

and corruption in the government and local corporations, and the social consequences caused by these elements.

Keywords: colonization, post-colonialism, tourism, Caribbean, Antigua, the United States, female sexual exploitation

Introdução

É característica comum aos escritores pós-coloniais relatar o anseio dos povos que passaram pelo processo de colonização em buscar uma cultura diferente daquela do colonizador, na qual gostariam de se espelhar para encontrar seu lugar no mundo e espaço pós-modernos, como argumenta CRUZ (1998). Por outro lado, se o processo de colonização acarretou problemas para esses povos ao nível de retrocesso econômico, sócio-cultural e político, as formas de poder neocoloniais evidenciam as condições da maioria da população do Caribe, enquanto classe operária e povo etnicamente diferente, provocadas pela substituição dos colonizadores pela burguesia nacional (REIS, 1997), cujo papel se limita à administração do capitalismo, permitindo a influência dos países hegemônicos em regiões estratégicas.

A teoria pós-colonial tem causado impacto em muitas disciplinas e campos do conhecimento e muitos autores a consideram fundamental como resposta às inúmeras manifestações de colonialismo ainda existentes em determinados locais. O campo de estudo do turismo também aborda a discussão sobre questões relacionadas à colonização, visto que em determinados lugares a exploração econômica dessa atividade faz surgir um novo tipo de colonização ainda mais abrangente e prejudicial às sociedades. Esse trabalho objetiva demonstrar essa realidade ao dar enfoque ao caso de Antigua, ilha caribenha situada entre o Mar do Caribe e o Oceano Atlântico, cuja população é de aproximadamente 85 000 habitantes (2010), constituída em

sua maioria por povos procedentes do ocidente da África, e em menor número britânicos e descendentes de portugueses.

A maior parte dos antiguanos é de origem africana, descendentes de escravos levados para a ilha séculos antes para trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar. Antigua foi colonizada pela Inglaterra e tem como capital Saint John. O governo, língua e cultura locais foram fortemente influenciados pelo império britânico, mas, atualmente, a colonização britânica foi substituída pelo neocolonialismo americano, fator ainda mais problemático para essa sociedade.

Como afirma Virginia Arlington,

Para muitos americanos, o Caribe provavelmente evoca visões de claridade, praias arenosas, águas espumantes, noites amenas e outros lazeres proporcionados pelo turismo indolente. Não apenas o número de visitantes americanos tem crescido rapidamente, mas também o número de cidadãos americanos que estabeleceram residências no Caribe. Muitas das facilidades estabelecidas para acomodar esse influxo estão sendo financiadas pelos americanos, assim aumentando o investimento dos Estados Unidos no Caribe. Dessa forma, a interconexão entre os dois países está tornando-se cada vez maior, mais próxima e mais complexa. (ARLINGTON, 1997).¹

Como forma de ilustrar essa realidade enfatizada por muitos críticos literários que têm a literatura pós-colonial como principal campo de estudos, esse artigo traz o exemplo da autora caribenha Jamaica Kincaid, nativa da ilha de Antigua, considerada umas das maiores escritoras da região. Especialmente em um

dos seus livros mais famosos, *A Small Place* (1988), Kincaid faz considerações acerca do turismo na ilha. Osagie e Buzinde (2011, p. 212) argumentam que nessa obra Kincaid afirma que o olhar introvertido e não-censurado do neo-colonizado produz, segundo Spivak e Harasym (1990), a “‘desconstrução afirmativa’ do Ocidente tornando o olhar colonial e racial do Ocidente voltar a si mesmo, assim sucedendo em descolonizar o eu/olho imperial.”²

No Caribe, os grandes problemas sociais advindos do turismo acarretam o crescimento exagerado do número de turistas, os sentimentos de xenofobia, a invasão de privacidade, a competição por recursos, o desrespeito dos turistas pelos residentes locais, as reações destes contra a subserviência e as más condições de trabalho, além dos conflitos sexuais, esses últimos geralmente relacionados à exploração sexual das mulheres, em sua maioria negras, com conhecimento e acesso restritos aos seus direitos.

A exploração do trabalho feminino existe desde a época da escravidão, quando muitas mulheres negras foram levadas da África para a América para trabalhar nas colônias, provavelmente por serem consideradas na sua possibilidade de empreender o trabalho pesado e de reproduzir novos escravos. A essas mulheres restava lutar por baixas posições na hierarquia sócio-econômica e serem sempre excluídas dos empregos de maior prestígio. Apesar dessa realidade e dos estereótipos populares julgarem as mulheres escravas como passivas, houve diversas formas de resistência à escravidão. Como afirma Bonicci (2006), porém, apesar dos avanços da condição de a mulher ser agente, ainda são verificados resquícios da herança colonial, do patriarcalismo endêmico nas sociedades africanas e caribenhas, das diásporas

contemporâneas e das nuances oriundas da globalização, situações salientadas pelos autores pós-coloniais.

Estados Unidos e Caribe: uma relação hegemônica ao longo do tempo

As ilhas caribenhas, em sua maioria ex-colônias britânicas, são caracterizadas por uma longa história de crises políticas, guerras civis e dominação estrangeira que ocasionou a dependência econômica, política e cultural, a fragmentação identitária característica de povos daquela região, amplamente relatada por escritores da literatura pós-colonial, os problemas sociais e raciais, um passado de escravidão problemático que acarretou o colonialismo que continua na atualidade, proveniente das potências hegemônicas que, segundo AZEVEDO e HERBOLD (1986, p. 97), apesar de “variarem com o passar dos séculos, não deixaram de considerar o Caribe como seu quintal”. Ainda hoje, essas ilhas são caracterizadas por alto índice de corrupção do governo e corporações locais e constitui palco de acirradas disputas econômicas. Historicamente, os Estados Unidos sempre estiveram envolvidos com o Caribe, apresentando seus interesses como legítimos. Desde os primeiros tempos da república, o México, a América Central e o Caribe eram considerados cruciais para o desenvolvimento dos Estados Unidos, devido à localização estratégica e potencial de desenvolvimento. Segundo Arlington,

Mesmo antes da independência, existiam crescentes vínculos entre as colônias americanas e as terras caribenhas. Os climas complementares entre os dois países produziram uma troca natural de bens que permitiram o crescimento do comércio entre as colônias, apesar das doutrinas mercantilistas dos britânicos (ARLINGTON, op.cit. 1971)

crescentes vínculos entre as colônias americanas e as terras caribenhas. Os climas complementares entre os dois países produziram uma troca natural de bens que permitiram o crescimento do comércio entre as colônias, apesar das doutrinas mercantilistas dos britânicos (ARLINGTON, op.cit. 1971) ³

Alguns acontecimentos representaram uma época de mudança na história da América Latina e Caribe, como explicam MAINGOT e LOZANO (2005, p.7), ao citarem a transição do autoritarismo para o constitucionalismo, a depressão econômica do continente em 1980 e a subsequente mudança relativamente ao surgimento de economias mais abertas, o fim da Guerra Fria na Europa e a transformação das relações com os Estados Unidos. Segundo esses autores, as primeiras três transformações são parte da explicação para a mudança nas relações dos Estados Unidos com seus vizinhos nas Américas e pelas mudanças nas políticas estrangeiras de estados latino-americanos e caribenhos.

Desde quando os Estados Unidos passaram de país agrícola para industrial, houve a expansão de seu território e a conquista de outras regiões. No que se refere ao Caribe, inicialmente houve exploração econômica em Cuba e em seguida na Jamaica, Haiti, República Dominicana e Trinidad. A partir daí, ocorreu a entrada intensa de capital norte-americano nos países caribenhos (AZEVEDO e HERBOLD, op.cit., p. 35) e os Estados Unidos consolidaram o domínio econômico sobre eles, que perderam sua autonomia.

O desenvolvimento dos Estados Unidos enquanto potência dependia do seu crescimento industrial e da conquista

do arquipélago caribenho. Assim, a relação peculiar com os Estados Unidos resultante dentre outros fatores de uma dramática assimetria de poder, bem como a proximidade geográfica, fez com que o Caribe fosse acessível a uma variedade de projetos norte-americanos. Como afirmam Maingot e Lozano:

Porque não houve mudança entre poder e proximidade, há um grau de continuidade na natureza fundamental das relações Estados Unidos - Caribe. Duas características dessa relação especial exerceram mais tarde influência restrita na tendência hegemônica, unilateralista: a complexidade multinacional e multiétnica da região e seu papel na política doméstica dos Estados Unidos. Não podemos esquecer que esta influência é também resultado do colonialismo europeu na região caribenha. (MAINGOT e LOZANO, op.cit, p.18) ⁴

Do ponto de vista militar, o Caribe era importante para os Estados Unidos porque servia de trampolim para seu ataque, defesa e expansão, além do que sua posição geográfica oferecia facilidade no controle de algum dano em tempos de guerra. O Caribe possuía muitos e importantes pontos de avançada militar, o que fez com que a região se tornasse uma zona de conflito internacional. Ademais, constituía um importante centro comercial, onde havia a existência de numerosos e importantes portos, que serviam, dentre outras atividades, para um tráfico ágil de produtos tropicais nativos. Dessa forma, podemos confirmar que o mar do Caribe era geoestrategicamente importante, dentre outros fatores, por causa da sua posição geográfica e de seus produtos. Sua configuração geográfica facilitava o controle militar e comercial. E para os Estados Unidos essa zona deveria ser permanentemente controlada, assim evitando que a sua hegemonia fosse ameaçada.

Apesar do controle mais intenso do imperialismo norte-americano, o neocolonialismo das metrópoles européias seguiu a mesma linha em suas possessões, através de um “controle econômico e ideológico, naturalmente facilitado pelos laços coloniais”, como afirmam AZEVEDO e HERBOLD (op. cit, p. 43).

No que diz respeito às Antilhas Inglesas, mais notadamente as Pequenas Antilhas, das quais a ilha de Antigua faz parte, ainda segundo AZEVEDO e HERBOLD (idem, p. 35) apesar de terem alcançado a independência face ao Reino Unido, ainda permaneceram dentro do sistema da *British Commonwealth*⁵ e mantiveram a estrutura de organização social e econômica oriunda dos tempos da colonização. Isso significa dizer que apesar da independência, não houve propostas de reestruturação social e econômica que fossem fruto das aspirações da população.

Desde o ano de 1983, está em vigor a Iniciativa da Bacia do Caribe (IBC), criada pelos Estados Unidos e que representa um conjunto de programas comerciais com 19 países da região. Montenegro (2008) afirma que o objetivo da iniciativa, de acordo com os Estados Unidos, é facilitar o desenvolvimento econômico e a diversificação das exportações das economias da bacia caribenha. A IBC viabilizou a entrada de empresas americanas na região, mas, ironicamente, como afirma a mesma autora, o setor manufatureiro do Caribe está excluído das negociações por causa da forte pressão dos sindicatos americanos.

Antigua, os Estados Unidos e o turismo

As pequenas ilhas que passaram pelo processo de colonização sempre foram marcadas por dois fatores: a tentativa de descolonização e a expansão do turismo internacional. A atividade turística é reconhecidamente um contributo econômico para muitos destinos em todo o mundo, que favorece o intercâmbio de pessoas e também configura uma indústria de exportação. O *World Travel and Tourism Council* (WTTC) ⁶ estima que a indústria de viagens e turismo abranja 11% do GDP (Gross Domestic Product)⁷ global, gere 8% do total de empregos no mundo e abarque 200 milhões de empregos em todo o mundo.

No Caribe, desde o século XIX, desenvolve-se a atividade turística. De acordo com os dados estatísticos do WTTC (2004), em Antigua, o turismo abrange 50% do GDP, gera aproximadamente 8 000 mil empregos diretos, 3 000 indiretos e 52% dos investimentos totais. Apesar da agricultura do algodão e do abacaxi ser vasta, o turismo e o comércio bancário são as principais atividades econômicas do local.

Bonham Richardson (APUD Mcleod) responsabiliza o governo de Antigua, assim como outros governos caribenhos, de promover o turismo como maior indústria nacional:

Outdoors por toda parte da região fazem com que os residentes do local (negros) lembrem-se de sorrir animadamente para turistas (brancos)...Dessa forma, grupos de turistas podem ser tipicamente barulhentos e ofensivos e assim esperarem subserviência diferenciada de seus “anfitriões”. Os governos caribenhos, de olho no lucro advindo do turismo, reforçam as expectativas. Provavelmente, não é necessário assinalar que essa subserviência imposta por razões econômicas é irritante

dado as desigualdades óbvias (pelos menos aos olhos dos caribenhos)... (BONHAM RICHARDSON apud MCLEOD (2008) ⁸

Apesar de proporcionar benefícios econômicos e o maior nível de empregabilidade para a região, a indústria turística atende aos interesses dos países hegemônicos e dos governos locais, que exercem domínio dessa atividade em benefício próprio. Fatores como a influência do Banco Mundial e do FMI, a limitação de exportações pela Comunidade Britânica, as negociações sem escrúpulos praticadas por empresários do setor hoteleiro dos Estados Unidos, como já mencionado por Reis (1997).

Quanto à comunidade caribenha, sua participação nas decisões no que diz respeito ao turismo ainda é recente, com pouco envolvimento de membros comunitários. Segundo Pantin:

A questão da participação da comunidade no planejamento e implementação do turismo é de origem relativamente recente. Como resultado de recente legislação na Jamaica, membros da comunidade têm sido convidados para encontros com o intuito de discutir planos de desenvolvimento de hotéis na costa norte. No caso de St. Lucia, tem havido envolvimento da comunidade no Soufriere Marine Management Area (SMMA). (PANTIN, 1999, p. 231) ⁹

Para o governo e as empresas, maiores beneficiários da indústria turística, é evidente que o interesse em melhorar o nível de educação da população para a recepção ao turista, provém dos lucros vantajosos advindos do setor, como afirma CHARLES (1997, p. 193), pois há claramente necessidade de que o setor

privado no Caribe se comprometa mais em proporcionar educação para o turismo e treinamento para reduzir a carga financeira sobre os governos regionais, que constantemente encontram-se com recursos escassos.

A ilha de Antigua sempre manteve relações diplomáticas com os Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, América Latina e estados caribenhos do leste. Como anteriormente informado, tem grande importância para os Estados Unidos e mantém relações estreitas com esse país desde sua independência, em 1981. Em Antigua, a indústria turística é dependente dos Estados Unidos não apenas porque os norte-americanos representam um terço dos turistas na região, mas porque a maioria das empresas turísticas é gerenciada pelos Estados Unidos e contam com o suporte do governo local. Com um passado de colonização britânica que resultou em inúmeros problemas econômicos, sociais e culturais que perduram até os dias atuais, a ilha continua a enfrentar a dominação e exploração das nações controladoras.

De acordo com Pattullo (APUD PANTIN, 1999, p. 230), em 1989, por volta de 63% dos quartos dos hotéis da região pertenciam a proprietários estrangeiros, com altas percentagens em algumas ilhas: St. Maarten, Anguilla e as Caymans (82%); Antigua (87%) e Aruba (88%). E em alguns casos em que as ilhas ainda possuem um passado colonial, essa situação é ainda mais evidente.

As questões de gênero e o turismo sexual no Caribe

Após a era da escravidão, seguida da internacionalização do trabalho assalariado, as ondas migratórias aumentaram, pois tanto homens quanto mulheres atravessaram fronteiras em

busca de novos futuros e depararam-se com trabalhos forçados e mal-remunerados, os quais os mantiveram na condição de mão-de-obra barata e descartável. As mulheres moviam-se independentemente ou através de canais organizados (comumente como parceiras sexuais ou domésticas) servindo e reproduzindo a força de trabalho e obtendo novas liberdades através de relações sexuais fora do casamento e trabalhos assalariados em uma variedade de setores (KEMPADOO, 2007). Ainda hoje, precariamente contratados em uma série de indústrias que vão desde a construção, agricultura e serviços domésticos ao turismo e entretenimento, homens e mulheres endividam-se com aqueles que os recrutam ou ‘ajudam’ a viajar e encontrar emprego e moradia noutros locais.

Nas sociedades pós-coloniais, as desigualdades de gênero fazem com que a classe das mulheres operárias esteja nas ocupações profissionais mais marginalizadas, com má ou nenhuma remuneração. Diante disso, as mulheres ficam extremamente vulneráveis em tempos de crises econômicas, especialmente pelo desemprego e por “programas de ajuste estruturais” que não acarretam grandes benefícios durante os períodos de expansão econômica (BONNICI, 2006).

A subalternidade da mulher e a continuação do patriarcalismo são fatores que permanecem nas sociedades pós-coloniais. A diáspora tornou-se característica dessas sociedades, afetando principalmente as mulheres. O neoliberalismo implantado no Caribe praticamente obriga a diáspora transnacional pela falta de emprego. Dessa maneira, é fácil notar a condição das mulheres em um contexto geral de desemprego, diáspora, luta pela sobrevivência, ainda em profunda tensão e ambiguidade para se integrar como verdadeiras cidadãs. A

mulher operária enfrenta a luta contra o patriarcalismo tanto em questões pessoais quanto profissionais e a diminuição lenta de ambos é característica da própria condição de ser mulher.

Dentro desse contexto, apesar de a mulher caribenha ter sido objetificada, houve maior consciência em relação a essa realidade e consequentemente maior participação feminina em todas as áreas do saber e da política, devido ao maior acesso à educação, o que ocasionou o crescimento no número de autoras e maior abrangência dos estudos femininos e raciais. Geralmente, essas narrativas trazem à tona a questão da condição feminina como produto de profundas tensões sociais. A literatura pós-colonial apresenta respostas contra o imperialismo, o patriarcalismo e o colonialismo, elementos que ainda exercem forte influência sobre as atividades femininas, impedindo a plena igualdade.

Nesse contexto de tensões sociais, o que se pretende aqui é destacar a exploração sexual feminina, na qual o Caribe faz parte importante pelo tráfico de pessoas, o que leva a um policiamento e vigilância mais abrangentes de mulheres migrantes e do comércio de sexo, como destaca Kamala Kempadoo (2007). No século XXI, o tráfico de mulheres tem sido pior do que na época da escravidão e umas das principais consequências desse ato é a prostituição feminina.

Muitas ideologias que retratam a mobilidade das mulheres ignoram o impacto que têm o colonialismo e o patriarcalismo como principais fatores do sistema de exploração ao qual são submetidas, definindo então essas mulheres como vítimas de crueldade ou como pessoas que contaminam a sociedade. E

qualquer sinal de afronta das mulheres que se encontram na prostituição serve para encobrir as causas da exploração e da opressão a que são sujeitas.

Diante desse quadro, ressalto a questão do turismo sexual, elemento que constitui um forte apelo turístico que necessita de uma verdadeira indústria composta pelos elementos do ‘turismo tradicional’ para satisfazê-lo. Dentre outras regiões do mundo, o Caribe sobressai-se com uma importante cota de mercado do turismo sexual. Os turistas que vão para as exóticas ilhas caribenhas em busca de sexo, em sua maioria são homens ocidentais, brancos, que têm viajado para países do ‘Terceiro Mundo’ durante muitos anos e não há nada de novo nesse contexto no que diz respeito à exploração sexual das mulheres locais. Para esses homens, essa prática acaba por levá-los ao ápice da hierarquia social, econômica e racial. Muitos deles expressam sutilmente o racismo e alguns creem que ao misturarem-se com pessoas de cor estão invertendo as hostis relações raciais que acontecem em seus próprios países, promovendo a harmonia racial e invertendo os temores sobre os conflitos raciais (TAYLOR, 1999). Como informado anteriormente, esse é um acontecimento que tem origem na época colonial e os homens ocidentais sempre projetaram suas fantasias turísticas sobre o ‘outro’, sexualizado e racializado, considerado primitivo, natural, diferente, para, a partir daí, apresentarem as suas justificativas para a exploração de mulheres negras. O problema ainda maior é que ao passo em que a indústria turística se desenvolve nessas regiões, ela converte essa fantasia pós-colonial em artigo de consumo massivo (TAYLOR, 1999).

Antigua sob o ponto de vista de Jamaica Kincaid, através do romance *A Small Place*

A Small Place é um romance publicado em 1988, pela escritora Jamaica Kincaid, que aborda a temática do colonialismo, racismo, exploração econômica e o impacto desses elementos sobre os nativos oprimidos e, sobretudo a utilização da mulher, a mestiça como símbolo sexual dentro do contexto turístico da ilha de Antigua. Kincaid é uma escritora caribenha, natural da ilha, cujo nome de batismo é Elaine Cynthia Potter Richardson. A maioria das suas obras é autobiográfica, nas quais a autora reflete sobre a influência da relação entre mãe e filha na formação de uma identidade feminina numa sociedade dominada pelo sexo masculino. Muitas das obras de Kincaid apresentam a oportunidade de explorar a sua relação conflituosa com a própria mãe, bem como o desenvolvimento da sua identidade à luz das expectativas culturais. Simbolicamente, Kincaid procura estabelecer uma ligação entre essa relação e a condição de nação colonial de Antigua, ao comparar o domínio europeu à desarmonia entre mãe e filha.

Segundo PERALTA (2006, p. 11), embora atualmente viva em Vermont, constituindo parte de um grupo de escritores imigrantes que vivem nos Estados Unidos, Jamaica Kincaid continua a escrever sobre questões pós-coloniais caribenhas e esse fato é notório em *A Small Place*, que embora tenha lhe atribuído ampla influência internacional, teve uma recepção problemática no Caribe, como expressa Jane Ring (2002) em *A Small Place Writes Back*. Nessa obra, Ring faz uma perspectiva crítica sobre o trabalho de Kincaid ao afirmar que não entende por que os caribenhos devem admirá-la pelo fato da mesma denegrir a imagem da ilha de Antigua. Essa opinião se deve, provavelmente, dentre outros motivos, ao fato de Kincaid afirmar que a ilha é incapaz de ir além de seu *status* de nação colonial

(EDWARDS, 2007, p.77)

Com um discurso característico das literaturas ditas pós-coloniais, Kincaid intencionou relatar os problemas enfrentados por nações que passaram por um longo processo de escravidão e colonização e na atualidade continuam a sofrer as consequências maléficas advindas desse processo, situação camuflada pelos discursos ideológicos da modernidade. De acordo com Bhabha (2001, p.239), as perspectivas pós-coloniais intervêm nesses discursos que tentam dar uma “normalidade” hegemônica ao desenvolvimento irregular e às histórias diferenciadas de nações, raças, comunidades e povos, formulando suas revisões críticas em torno de questões da diferença cultural, autoridade social e discriminação política, a fim de revelar os momentos antagônicos e ambivalentes no interior das “racionalizações” da modernidade.

A maioria das obras de Kincaid é autobiográfica, sendo característica marcante os relatos de sua infância em Antigua e os conflitos na convivência em família. Os efeitos da escravidão e da colonização britânica no Caribe são temas centrais em seus trabalhos. *A Small Place* é uma espécie de ‘guia de viagens’, no qual Jamaica Kincaid aborda as características do governo de Antigua, da indústria turística e do seu passado colonial. Embora esse último seja o principal tópico da abordagem, os problemas advindos da exploração turística ganham destaque, considerando-se que estes fazem com que aumentem os sentimentos de nacionalismo, visto que se espera que os habitantes nativos aceitem o fato de que são financeiramente dependentes de uma indústria que demanda que os empregados ajam como servos, como afirma o jornalista Robert Coram (1993), em sua obra *Caribbean Time Bomb: The United States’ Complicity in the Corruption of Antigua*.

A simbologia representativa do conflito colonizador-colonizado e metrópole-colônia é tema recorrente nas obras de Kincaid. A partir desse princípio, pode-se afirmar que ela coloca seus romances “como exemplo limítrofe do gênero autobiográfico, em que a representação do “eu mulher” se expande para representar o “nós””, como argumenta AZEVEDO (2008, p.95). Portanto, a obra de Kincaid enquanto se faz autobiográfica, também questiona os limites entre verdade e mentira, os limites da representatividade, com a expansão do ‘eu’ para representar ‘outros’, ou seja, uma comunidade que se encontra à margem, em busca de sua própria identidade, como bem argumenta AZEVEDO (2008, p.95).

Com uma linguagem simples, objetiva e direta, na qual utiliza a segunda pessoa ‘you’ como se estivesse propositadamente falando diretamente com o leitor, Kincaid, simultaneamente, transgredir o gênero já que a segunda pessoa é território da linguagem patriarcal. Assim pode dirigir sua fala para um nativo da ilha, um turista norte-americano, inglês, ou outro qualquer. Kincaid relata os problemas advindos da colonização britânica e os resquícios deixados na ilha durante esse processo. Como exemplo, podemos citar a dependência linguística e cultural, os problemas raciais, de gênero, os fatores sociais ocasionados por uma educação de origem britânica, situação que, mesmo após alguns anos de independência formal, ainda faz com que os habitantes vivam a chamada ‘crise de identidade’, característica dos povos colonizados que não conseguiram se ‘libertar’ da cultura, que ao mesmo tempo em que rejeitam, têm a consciência que faz parte das suas origens, das suas raízes. Portanto, o dilema vivido por essas pessoas é o fato de que, ao passo em que negam a sua cultura de raiz, que é de origem britânica, também a

reconhecem como sua.

Em seu artigo *What If You're an "Incredibly Unattractive, Fat, Pastrylike-fleshed Man"?: Teaching Jamaica Kincaid's A Small Place*, Rhonda D. Frederick, professora de Literatura Caribenha e Afro-americana no Boston College, admite que se deva ao leitor entender por que, propositadamente, Kincaid faz uso da segunda pessoa 'you' na sua narrativa. A autora argumenta que uma leitura atenta revela as múltiplas definições de 'turistas' e 'pessoas brancas', palavras que Kincaid utiliza com frequência, e que oferecem *insight* ao leitor sobre os objetivos da autora ao escrever a obra. Ao afirmar que a autora utiliza a segunda pessoa do singular estrategicamente para posicionar os leitores no seu mundo, Frederick esclarece que ela não o faz com o objetivo de falar diretamente aos turistas que podem concordar com a sua opinião ou àqueles leitores que sabem e percebem o mesmo que ela. O que ela pretende demonstrar são as implicações advindas do turismo, chamando atenção para o fato de que os turistas não têm a noção dessas implicações ou de seus papéis em vários sistemas de poder. Esse fato pode ser visualizado de maneira bem clara, logo no início do romance, através do qual Kincaid escreve com palavras diretas aos turistas:

Você desembarca do avião. Passa pela alfândega. Desde que é um turista, norte-americano ou europeu- para ser franca, branco- e não um negro antiguano retornando a Antigua da Europa ou América do Norte com caixas de papelão com roupas baratas e alimento para seus parentes, você movimenta-se pela alfândega rapidamente, com facilidade. Suas bolsas não são revistadas. Você emerge da alfândega para o ar quente, limpo: imediatamente sente-se purificado, imediatamente sente-se abençoado (o mesmo que dizer especial); você sente-se livre (KINCAID, 1988, p. 4-5) ¹⁰

A narrativa de Jamaica Kincaid revela também o objetivo em relatar a passividade da população diante das formas de opressão e da necessidade de agir (FERGUSON, 1994, p. 95), frente ao controle econômico exercido por instituições financeiras estrangeiras, que têm o governo local como cúmplices, o que nos leva a concluir que a alienação da população de Antigua com relação à sua própria história é autodestrutiva, pois não permite à sociedade estabelecer conexões entre a obsessão com o passado de escravidão e a exploração econômica da atualidade, baseada, sobretudo, na indústria do turismo (EDWARDS, 2007, p. 92).

Ao utilizar um discurso metaficcional, a narrativa de Kincaid “desconstrói mitos coloniais, pós-coloniais e neocoloniais, desse modo interrogando a perspectiva dos turistas e desemaranhando a contínua construção colonial de um lugar legitimado apenas por seus visitantes” (MCLEOD, 2008) Jamaica Kincaid descreve tanto a experiência que um típico turista (branco, classe-média, originário da Europa, Estados Unidos ou Canadá) teria em Antigua tanto quanto o que essa pessoa ignora no que diz respeito à ilha, pelo fato de terem vida “comum” no local onde vivem e viajam motivados pelo tédio.

Relativamente à situação dos turistas na ilha de Antigua, segundo a visão de Frederick (1994), Kincaid nos posiciona para a questão de que a sua crítica com relação aos brancos não é pelo simples fato de serem brancos, mas de como eles se tornam turistas na ilha de Antigua. Esses turistas simplesmente vivem as suas experiências turísticas sem desejarem contato algum com a ‘hostilidade’ dos negros nativos:

Em sua busca para ficar longe de tudo por uma semana, no inverno, Americanos Brancos não querem ter experiência com

a hostilidade dos negros, a qual eles sentem que já conhecem de seu próprio país. Então, grupos de turistas podem ser tipicamente barulhentos e ofensivos enquanto esperam servilismo diferencial dos seus “anfitriões” (FREDERICK APUD BONHAM C. RICHARDSON, 1992, p. 127).¹¹

Segundo FERGUSON (1994, p. 85), o que Kincaid pretende mesmo é afastar os turistas de Antigua. Com a sua literatura, ela aborda fatos que a indústria do turismo omite, como afirma Edwards (2007, p. 79) ao referir-se à narrativa de Kincaid como um texto que combina a verdade com a perda, sendo a primeira revelada através da descrição da exploração e a segunda oculta atrás da *happy front* da indústria turística¹². E sobre os nativos que são tratados como servos pelos turistas a mesma autora afirma que eles têm plena consciência do quanto são explorados, apesar de não atribuírem a estes a pobreza que são obrigados a suportar. De acordo com FERGUSON (1994, p. 86), fica óbvio, portanto, que a maioria dos nativos é muito pobre para desejar ir a qualquer lugar e ainda invejar quem o faz. Percebemos o quanto Kincaid é crítica no que se refere aos turistas, nas seguintes linhas, transcritas do livro:

Uma coisa feia. Isso que você é quando se torna um turista. Uma coisa feia, vazia, estúpida, um pedaço de lixo parando aqui e acolá para contemplar isso e experimentar aquilo, e nunca lhe ocorrerá que as pessoas que habitam o lugar no qual você acabou de parar não podem te suportar, que atrás das suas portas fechadas eles riem da sua estranheza (você não se parece com eles); seu físico não os agrada; você possui maus modos (é de costume eles comerem com as mãos; você tenta comer da mesma maneira e parece idiota; você tenta comer da maneira que sempre come e parece idiota); eles não gostam da maneira

como você fala (com sotaque); eles entram em colapso de riso, imitando a maneira como imaginam que você deve parecer ao realizar as necessidades físicas pessoais diárias. Eles não gostam de você. *Eles não gostam de mim!* Esse pensamento na verdade nunca lhe ocorre. (KINCAID, 1988, p. 17) ¹³

Em seu artigo citado anteriormente, Frederick escreve também sobre a sua dificuldade em trabalhar assuntos relacionados a *A Small Place* com alunos na universidade norte-americana na qual trabalha, estudantes que, segundo a autora, são suscetíveis de serem turistas em Antigua: “Quais tipos de estratégias pedagógicas produtiva podem resultar do ensino de *A Small Place* para estudantes numa universidade norte-americana, estudantes que podem ser ‘turistas’?” (APUD BONHAM C. RICHARDSON, 1992, p. 2)¹⁴. Frederick argumenta que o livro oferece a esses alunos uma estratégia diferente de leitura, interpretação e compreensão de si mesmos, como indivíduos e estudiosos. A linguagem que Kincaid utiliza seduz os leitores, principalmente os norte-americanos, por ser também um discurso sobre o turismo. Os estudantes podem não ter uma visão crítica da leitura e, portanto, ignorarem a crítica da autora no que se refere ao colonialismo inglês, ao governo neocolonial, ao desconhecimento e equívoco dos nativos quanto ao seu passado e presente, e às interrelações entre todos esses fatores (APUD BONHAM C. RICHARDSON, 1992, p.6)

Ainda de acordo com Frederick, analisar com os seus alunos a obra de Kincaid não é apenas ensinar um dos trabalhos da autora ou apenas abordar a temática da literatura pós-colonial. *A Small Place* oferece uma estratégia diferente de leitura e interpretação do próprio entendimento dos alunos enquanto indivíduos. Nesse sentido, proporciona o pensamento crítico

acerca da realidade, não considerando a obra como apenas uma análise que denuncia a opressão sofrida no período colonial, mas também uma maneira de explicá-la. Trata-se de fazer compreender o sentido real que está por vezes oculto na fala autobiográfica e descritiva de Jamaica Kincaid acerca das suas impressões nos seus primeiros anos vividos na ilha de Antigua, palavras por vezes consideradas ‘amargas’ ou ‘enfurecidas’ na opinião de alguns críticos literários. Portanto, as palavras utilizadas por Jamaica Kincaid expressam que ela objetiva fazer com que seus leitores americanos sejam conhecedores e testemunhas de uma afro-descendente, culturalmente antiguana, naturalizada americana que está profundamente perturbada por todas as suas percepções.

O documentário *Life and Debt*, de Stephanie Black, baseado em *A Small Place*, reproduz essa realidade ao fazer um paralelo entre a exploração econômica e social a que está sujeita a sociedade caribenha, dependente do FMI, desde a sua criação, e do Banco Mundial, entidades que, segundo seus representantes, propunham que a globalização deveria funcionar em benefício da população e, portanto, tinham no oferecimento de dinheiro uma alternativa para financiar os interesses comerciais da ilha, em troca de acordos de livre-comércio. Obviamente, os acontecimentos registravam exatamente o contrário, os empréstimos eram feitos para pagamento em curto prazo e a altas taxas de juros acarretavam desvalorização da moeda nacional e aumento da importação sobre a exportação, ocasionando perda dos produtos produzidos localmente e consequentemente levando à falência os produtores locais. Essa situação ainda é bastante atual e pode ser confirmada através dos acordos de cooperação internacional que prometem melhorar as vidas das populações locais e dos acordos comerciais como ALCA, CAFTA E APes, que têm o

objetivo de eliminar tarifas e barreiras comerciais e ampliar as oportunidades regionais, mas que na realidade aumentam as importações de produtos, reduzem as exportações e geram cada vez mais impostos.

Todos esses fatores nos levam a concluir que, após adquirirem independência política, os países caribenhos passaram a conviver com sérios problemas financeiros por não possuírem força econômica suficiente para produzirem por conta própria.

Diante dos fatos expostos nessa análise, podemos então pensar que apesar da crítica contundente que Jamaica Kincaid, através de *A Small Place*, faz ao sistema de exploração econômica e social existente em Antigua, advindo da atividade turística, como consequência principalmente do processo colonial destruidor que banuiu as chances de sobrevivência em meio a um mercado mundial controlado por potências hegemônicas, os acontecimentos relatados são fruto de uma realidade observável tanto nas ações e acordos firmados entre os países soberanos, o governo e corporações privadas, que têm no turismo uma imensurável fonte de lucros. A autora não deixa de ter razão ao intencionalmente destacar a inconsciência de turistas, principalmente norte-americanos e europeus, a um fato visível, porém ignorado por grande parte desse contingente. Há ainda o fato de demonstrar propositadamente a alienação dos nativos de Antigua, pelo fato de serem obcecados devido ao passado de escravidão, como acredita Lewis (1971, p. 5) ao mencionar que a escravidão foi abolida pela região em datas diferentes entre os anos de 1834 e 1886, porém a sua lembrança ainda permeia o pensamento dos caribenhos. Alie-se a esse fato a exploração sócio-econômica a cada dia mais intensa, além da falta de oportunidade e de liberdade da população em expor livremente

todos esses problemas.

Conclusão

Através dos fatos aqui expostos, constatamos que o interesse dos Estados Unidos pelo Caribe sempre teve inúmeras facetas que incluem motivos econômicos e políticos, e novas dimensões continuam a surgir.

O turismo é uma das indústrias que mais crescem em todo o mundo e sua rápida expansão tem sido considerada uma possibilidade de desenvolvimento sustentável nos países caribenhos. No caso de Antigua, a atividade turística proporcionou sua abertura para a economia mundial fazendo com que a ilha seja considerada referência para o turismo em todo o mundo.

Após passar por um longo processo de colonização que ainda repercute negativamente em termos econômicos e sócio-culturais, a ilha experimenta, através do turismo, outra forma de dominação que parece até mais corrosiva do que a primeira. Apesar dos inúmeros empregos diretos e indiretos gerados pela atividade e dos benefícios em termos de desenvolvimento, existe o problema da prostituição, sempre presente nos países pobres da região. O pânico em volta do tráfico de pessoas precisa, como argumenta Kempadoo (2007), ser exposto pelas violências racial e de gênero que permeiam as comunidades marginalizadas, particularmente os povos caribenhos indígenas e as mulheres migrantes.

Os leitores de *A Small Place* têm conhecimento da maneira como Jamaica Kincaid aborda o turismo, o passado de escravidão e colonização, e suas consequências atuais. De maneira abrangente, há a oportunidade de se considerar o impacto da

indústria turística sobre Antigua e sobre os seus nativos, além das semelhanças entre o turismo moderno e a escravidão, observada a subalternidade da ilha como local turístico, o que complica a sua condição enquanto nação. Isso resulta em muitos problemas para os nativos, que na opinião de Kincaid e de outros escritores pós-coloniais, determina a crise de identidade, característica comum a esses povos e amplamente difundida pela literatura de cunho pós-colonial, por ser o meio através do qual a “minoria” tenta resistir ao imperialismo europeu e norte-americano.

Notas

1 A tradução dos trechos em citação direta é de responsabilidade da autora. Como se trata de tradução não publicada, as notas referem-se aos originais em língua inglesa.

“to many Americans “the Caribbean” probably conjures up visions of sunshine, sandy beaches, sparkling waters, balmy evenings, and the other joys of indolent tourism. Not only is the number of American visitors swelling rapidly but so is the number of American citizens who have retired or otherwise established residences in the Caribbean area. Many of the new facilities being established to accommodate this influx are being added or financed by Americans, thus increasing the American investment in the Caribbean. So, the interconnection between the United States and the Caribbean is becoming steadily larger, closer, and more complex.

2² In this book, she uncensored inner gaze of the neo-colonized performs, what Spivak and Harasym (1990) apud Osagie and Buzinde (op.cit., p.212), refer to as “affirmative deconstruction” of the West by turning the colonizing and racializing *gaze* of the West back on itself, thus succeeding in decolonizing the imperial I/eye.

3 even before independence, there were growing ties between the American colonies and the Caribbean lands. The complementary climates produced a natural exchange of goods that led to increasing

trade among the colonies despite British mercantilist doctrines.

4 Because power and proximity have not changed, there has been a substantial degree of continuity in the fundamental nature of U.S.–Caribbean relations. Two characteristics of this special relationship later exercised a restraining influence on the hegemonic, unilateralist tendency: the region’s multinational and multiethnic complexity and its role in U.S. domestic politics. We cannot forget that this influence is also a result of the European colonialism in the Caribbean region.

5 Organização governamental internacional formada por 54 países membros independentes que fazem parte do Império Britânico e possuem um quadro de valores e objetivos comuns, conforme a Declaração de Singapura. Atualmente, é chefiada pela Rainha Elizabeth II.

6 Instituição criada em 1990 por James Robinson III, então executivo da American Express, e Geoffrey Lipman (Organização Mundial de Turismo) com o objetivo de promover o reconhecimento em relação à contribuição da indústria do turismo para a economia, expandir o mercado em harmonia com o meio ambiente e reduzir as barreiras ao crescimento.

7 Refere-se ao valor de mercado de todos os bens e serviços produzidos num país em um dado período. O GDP é frequentemente considerado um indicador do padrão de vida de um país.

8 Billboards throughout the region remind (black) local residents to put on happy smiles for (white) tourists. . . So groups of tourists can be typically loud and offensive while expecting deferential servility from their “hosts.” Caribbean governments, with an eye on tourist profits, reinforce these expectations. It is perhaps needless to point out that this economically imposed servility is galling in light of the obvious (at least to the Caribbean peoples) inequities. . . .

9 The issue of community participation in tourism planning and implementation is of relatively recent origin. As a result of recent legislation in Jamaica, members of the community have been invited to town meetings to discuss hotel development plans on the north coast.

In the case of St. Lucia, there has been involvement of the community in the Soufriere Marine Management Area (SMMA).

10 You disembark from your plane. You go through customs. Since you are a tourist, a North American or European- to be frank, white- and not an Antiguan black returning to Antigua from Europe or North America with cardboard boxes of much needed cheap clothes and food for relatives, you move through customs swiftly, you move through customs with ease. Your bags are not searched. You emerge from customs into the hot, clean air: immediately you feel cleansed, immediately you feel blessed (which is to say special); you feel free. (Kincaid, 1988, p. 4-5)

11 In their quest to get away from it all for a week in the winter, White Americans want any experiences with black hostility, which they feel they already know from their own country". So groups of tourists can be typically loud and offensive while expecting deferential servility from their "hosts."

12 The text does this by combining truth with loss as Kincaid reveals truth by describing the exploitation and loss that lies behind the happy front of Antigua's tourist industry.

13 An ugly thing, that is what you are when you become a tourist, an ugly, empty thing, a stupid thing, a piece of rubbish pausing here and there to gaze at this and taste that, and it will never occur to you that the people who inhabit the place in which you have just paused cannot stand you, that behind their closed doors they laugh at your strangeness (you do not look the way they look); the physical sight of you does not please them; you have bad manners (it is their custom to eat their food with their hands; you try eating their way, you look silly; you try eating the way you always eat, you look silly); they do not like the way you speak (you have an accent); they collapse helpless from laughter, mimicking they way they imagine you must look as you carry out some everyday bodily function. They do not like you. *They do not like me!* That thought never actually occurs to you.

14 What kinds of productive pedagogical strategies can result from

teaching *A Small Place* to students at a U.S. university, students who are likely to be ‘tourists’?

Bibliografia

- AZEVEDO, E. R. e HERBOLD, H. *Caribe: o paraíso submetido*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- AZEVEDO, M. M. “A Expansão da Representatividade do “Eu” no Discurso Autobiográfico de Jamaica Kincaid”. *Revista Letras*. Curitiba: Editora UFPR., N. 75/76, p. 93-109, Maio/Dez. 2008.
- BAHBHA, H. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- BONNICI, T. “Pós-colonialismo e representação feminina na literatura pós-colonial em inglês”. *Acta Sci. Human Soc. Sci.* Maringá, v. 28, n. 1, p. 13-25, 2006.
- CHARLES, K. “Tourism Education and Training in the Caribbean: Preparing for the 21st Century.” *Progress in Tourism and Hospitality Research*. USA, Vol. 3, p. 189–197, 1997.
- CORAM, R. *Caribbean Time Bomb: The United States’ Complicity in the Corruption of Antigua*. New York: William Morrow & Co, 1993.
- EDWARDS, J. D. *Understanding Jamaica Kincaid*. South Carolina: University of South Carolina Press Columbia, 2007.
- FERGUSON, M. *Jamaica Kincaid: Where the Land Meets the Body*. Charlottesville: University of Virginia Press, 1994.
- FREDERICK, R. D. “What If You’re an ‘Incredibly Unattractive, Fat, Pastrylike-fleshed Man’?: Teaching Jamaica Kincaid’s *A Small Place*”. *College Literature*. Pennsylvania: West Chester University, 30.3, p. 1-18, Summer 2003.
- KEMPADOO, K. “The war on human trafficking in the Caribbean”. *Race & Class*. Toronto: York University, p. 79-85, October 2007.

- KINCAID, J. *A Small Place*. New York: Penguin, 1988.
- KPMG Consulting LP. "Tourism's Economic Impacts Increasing the Contribution to Prosperity". Feb. 2003.
- MAINGOT, A. and LOZANO, W. *The United States and the Caribbean: Transforming Hegemony and Sovereignty*. New York and London: Routledge, 2005.
- MARSHALL, C. *The Challenges facing the Tourism Industry in Antigua and Barbuda*. <http://www.tourismantiguabarbuda.gov.ag/tourism_programs/pdf/challenges_facing_the_industry.pdf> (Acesso: 25/07/2011).
- McLEOD, C. Constructing a Nation: Jamaica Kincaid's *A Small Place*". *Small axe* 25, p 77–92, Feb. 2008.
- MONTENEGRO, M.C. *A Cooperação Internacional para América Central e Caribe: uma estratégia geopolítica*. Brasília, Mar.2008.
- OSAGIE, I. e BUZINDE, C. Culture and Postcolonial Resistance Antigua in Kincaid's *A Small Place*. *Annals of Tourism Research*. Great Britain: Elsevier Ltd., Vol. 38, No. 1, p. 210–230, 2011.
- PERALTA, L. L. *Jamaica Kincaid and Caribbean Double Crossings*. New York: University of Delaware Press, 2006.
- REIS, L. F. *Estudos & Pesquisas: fronteiras do literário*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1997.
- SZULC, T. *The United States and the Caribbean*. Englewood Cliffs : Prentice-Hall, 1971.
- TAYLOR, J.S. Turismo, Viajes y Sexo. *Sex Tourism in the Caribbean*. Stephen Clift and Simon Carter: University of Leicester, 1999.